

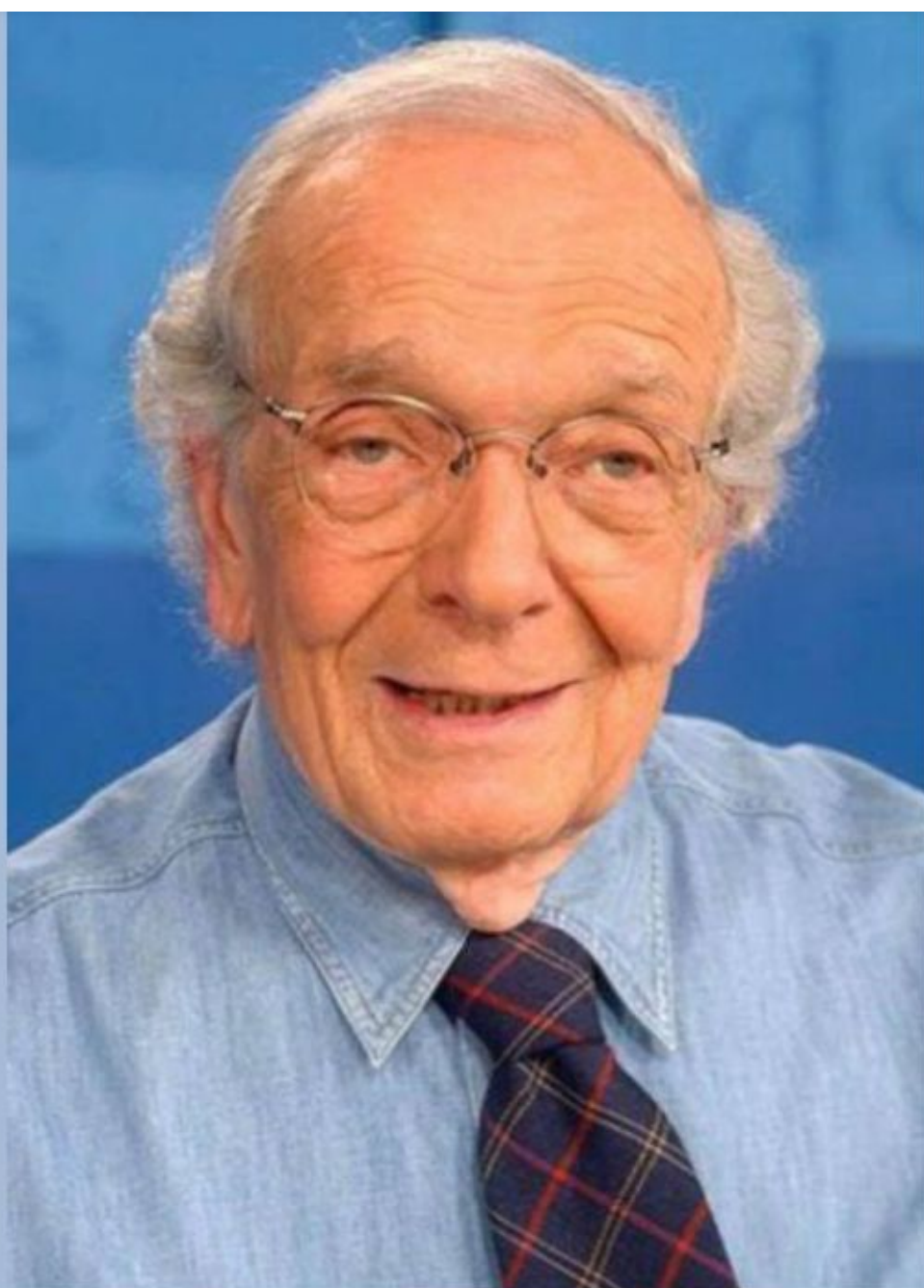


Ali Kamel está com Alberto Dines.

22 de maio de 2018 · 🧑



Nunca trabalhei com Alberto Dines, mas nos últimos 23 anos mantivemos uma amizade epistolar, via e-mail, muito carinhosa, mesmo em momentos espinhosos. Dines era acima de tudo um gentleman, sempre gentil, cordial, mesmo quando criticava, muitas vezes de maneira bem franca. Costumava me chamar de "meu príncipe" e eu, feliz, nunca quis saber se ele se referia assim a todos a quem se dirigia. Tive poucos contatos pessoais, nessa época em que contatos virtuais parecem pôr as pessoas ao nosso lado. Um dos encontros mais gratificantes foi durante a edição de 1996 do Congresso De Jornalismo de Língua Portuguesa. Ele me chamou para uma palestra, no mesmo dia em que havia gente como Millôr Fernandes, com todo aquela inteligência que o caracterizava. Meu tema, não à toa, deixou-o feliz, e vcs vão entender por quê: chamava-se "Vinda longa para os jornais impressos" (e, vejam, já lá se vão 22 anos e os impressos, com todas as dificuldades, estão aí, circulando). Foi uma manhã feliz, seguida de alguns dias felizes em Lisboa. Outro encontro aconteceu quando Dines me convidou para falar na TVE em seu programa Observatório da Imprensa sobre o assassinato do nosso saudoso Tim Lopes. Eu não costumo participar de programas de debates, mas aceitei o convite por dever cívico. Dines foi como sempre de uma correção ímpar, num dos momentos mais tristes da imprensa brasileira. Sem me apressar, permitiu que eu lesse na íntegra uma carta lançada pelo Sindicato dos Jornalistas. O título era "Por que Tim estava lá" e o texto era uma defesa apaixonada do fazer jornalístico, mostrando que Tim, experiente, treinado, estava lá dando voz às populações pobres de nossa cidade. Foi um programa decisivo para fazer justiça ao Tim. Foi essa fase de Dines à frente do Observatório da Imprensa, no site e na TV, que eu acompanhei de perto. Era, e é, uma iniciativa importante, toda crítica é construtiva, mesmo as injustas, porque provocam o debate. Eu eu não fugia deles. A cada observação injusta que algum colaborador do Observatório fazia ao trabalho do Globo, onde trabalhei, ou da Globo, onde trabalho, eu respondia, às vezes provocando tréplicas. Dines gostava desse meu empenho e um dia me deu um presente: disse que via em mim, editor-chefe do Globo, com 33 anos, o editor-chefe que ele tinha sido ao assumir o JB, com 30. Certamente não pelo talento, porque o dele era insuperável, mas provavelmente pela garra com que eu defendia o meu ponto de vista. Palavras que eu guardo comigo até hoje e que talvez me fizeram jamais deixar de protestar ante a uma crítica sem base. Dines era assim também, teimoso, não cedia aos argumentos mais sinceros (e não descansava até que conseguisse o artigo ou entrevista que pedia). Muitos já disseram mais apropriadamente do que eu: Dines foi um jornalista que honrou a profissão, foi inovador, correto, incansável. Ele próprio, ao menos comigo, não gostava de falar de seus feitos passados, não era nesse sentido um saudosista. Preferia viver o presente e antever o futuro. E quando a interface gráfica da internet no Brasil tinha apenas um ano, em 1996, soube se reinventar, lançando um site de crítica jornalista que alcançou prestígio imediato graças ao fundador. Foi um precursor. Como sempre foi. Não trabalhei com ele. Mas aprendi com as críticas públicas e com os debates que geravam. Deixo aqui meu reconhecimento a ele. Com gratidão.



👍👎❤️ 142

16 comentários 2 compartilhamentos

👍 Curtir

💬 Comentar